



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte
e Nordeste de Estudos e Pesquisas
sobre Mulher e Relações de Gênero

“ESSA É BEM ROSINHA”: ANÁLISE DA ESPETACULARIZAÇÃO DO MACHISMO NAS MÍDIAS DIGITAIS SOB UMA PERSPECTIVA FEMINISTA

Marcelle Jacinto da Silva; Antonio Crístian Saraiva Paiva

(Universidade Federal do Ceará, marcelle.silva.cs@gmail.com; Universidade Federal do Ceará, cristianspaiva@gmail.com)

Resumo: Em junho de 2018, durante a Copa do Mundo na Rússia, um vídeo onde torcedores brasileiros em tom supostamente de brincadeira induzem uma mulher russa a falar palavras em português que ela desconhece e fazem suposições sobre a aparência da sua genitália viralizou na internet. Esse episódio dividiu opiniões: foi machismo ou só uma brincadeira? Enquanto pesquisadora feminista em processo de finalização de uma tese sobre discursos publicados na internet sobre modelos de normalidade e beleza da “vagina”, o episódio causou-me um forte impacto. Tendo em vista que a “vagina” emerge nesse campo discursivo e imagético como algo escrutinado por suposições e estereótipos, senti a necessidade de incorporar o assunto ao *corpus* empírico da pesquisa, material coletado entre março de 2015 e junho de 2018 que trata de narrativas polifônicas sobre a “vagina” que são multiplataformas (de sites, blogs e redes sociais) e translocais (de vários países). A polêmica nas mídias digitais sobre como os torcedores brasileiros se referem de forma desrespeitosa à genitália da moça é o ponto de partida para pensarmos a respeito de como formas sutis de violência misógina cometidas contra as mulheres são consideradas normais de acordo com os padrões sociais vigentes de normalidade masculina e que reforçam práticas discriminatórias machistas e racistas. O objetivo desta análise, portanto, é problematizar alguns discursos midiáticos nacionais a respeito deste episódio, considerando que estes revelam a plasticidade de imaginários e instituições sociais que naturalizam comportamentos machistas, como a linguagem, e a importância das mídias digitais na permanência desses imaginários.

Palavras-chaves: Tecnologia social heteronormativa, mídias digitais, machismo, vagina.

Introdução

“*Essa é bem rosinha! Essa é bem rosinha! Essa é bem rosinha! Ai que delícia! Buceta rosa! Buceta Rosa! Buceta Rosa! Buceta Rosa! Buceta Rosa! Buceta Rosa!*”, repete um conjunto de homens brancos adultos vestidos com a camisa da seleção brasileira em um vídeo com duração de dezesseis

segundos que viralizou na internet em junho de 2018, gravado na Rússia durante a Copa do Mundo. Nele quatro brasileiros cercam e induzem uma mulher russa a acompanhá-los naquela entoação ritualística a respeito da cor da sua genitália. Na ocasião, todos riem, pulam e parecem se divertir, mas ao chegar ao



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Políticas da Cidade

Brasil o conteúdo do vídeo dividiu opiniões. Foi apenas uma brincadeira ou um caso de machismo? Para mim enquanto feminista parece evidente que se trata de um desrespeito não apenas contra a mulher que aparece no vídeo, mas contra todas as mulheres, tanto é que na época senti tanta repulsa pela situação que não estive em condições emocionais de acompanhar a repercussão na mídia brasileira.

Recebi a notícia a respeito desse episódio no momento em que eu estava finalizando o trabalho de campo da minha tese. Ainda em processo de finalização, o foco da tese são discursos online multiplataformas (publicados em sites, blogs e redes sociais como Facebook e Instagram) e translocais (conteúdo produzido a partir do Brasil, mas também de outros países como EUA, Inglaterra e Holanda) a respeito de modelos de normalidade e beleza da “vagina”, palavra que no contexto do meu campo de pesquisa é utilizada de forma genérica para denominar a genitália feminina, embora designe apenas a parte interna do órgão, e que outros termos também sejam utilizados.

O ponto de partida da pesquisa foi assunto do artigo que publiquei com o título “A vagina pós-orgânica: intervenções e saberes sobre o corpo feminino acerca do

‘embelezamento íntimo’” (SILVA, PAIVA, COSTA, 2017), no qual problematizo textos disponíveis na internet que são favoráveis às cirurgias íntimas, privilegiando um especificamente. Publicado em julho de 2013 na Revista Glamour, “*Autoestima vaginal: como anda a sua?*”¹ afirma que as mulheres brasileiras estão lotando os consultórios de cirurgiões plásticos em busca de um tipo específico de estética íntima considerada “*a vagina perfeita*”, aparência que consiste em “*nenhum pelinho pra contar história, coloração rosada, grandes lábios gordinhos, pequenos lábios discretos e clitóris escondido, apenas com a pontinha à mostra*”, de acordo com a referida matéria.

Na tese, destaco que as mídias digitais, a linguagem e a cultura médica são as tecnologias sociais heteronormativas que mais influenciam na permanência e na difusão do padrão de beleza mencionado. No material coletado entre março de 2015 a junho de 2018 identifiquei dois exemplos paradigmáticos para pensarmos como estes dispositivos sociais representam, operam e quais efeitos produzem na “vagina” na era da internet, são eles: os discursos difundidos a favor de procedimentos de

¹ Disponível em: <http://revistaglamour.globo.com/Amor-Sexo/noticia/2013/07/autoestima-vaginal-como-anda-sua.html>. Acesso em: 9 fev. 2018.



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulheres e Fabricações de Gênero

modificação como as cirurgias íntimas e não cirúrgicas como a depilação íntima, os quais produzem o que chamo de vagina pós-orgânica, e os que se posicionam contra esses procedimentos, que argumentam promover aceitação da “vagina” como ela é, do que chamo de vagina orgânica. Cada um à sua maneira, como observou Schimitt (2014), gerencia e produz diferentes tipos de engajamentos sobre a estética da vulva, rejeitando ou valorizando a diversidade corporal. Observei que costurados a esses dois vieses estão imaginários que naturalizam tratamentos discriminatórios machistas e racistas, no que diz respeito à estética desejável de “vagina ideal”.

Defendo o ponto de vista de que tanto a “vagina” como o pênis, assim como os repertórios de gênero reconhecidos como padrões sociais vigentes, são fabricações essencialistas e excludentes, produtos daquilo que Preciado (2014, p. 28) chama de “tecnologias sociais heteronormativas”, isto é, um “conjunto de instituições tanto linguísticas como médicas ou domésticas que produzem constantemente corpos-homem e corpo-mulher”, tais como a linguagem e a medicina, que são apoiados em argumentos que designam o que é “normal” em termos de gênero, corpo e sexualidade. Esse ponto de vista é compatível com o

entendimento de que essas fabricações são arbitrárias, artificiais e opressivas, as quais por sua vez são baseadas na diferenciação entre homens e mulheres, na violência, na restrição de suas escolhas, impondo comportamentos tidos como “normais” e que conta com uma cumplicidade (in)consciente a qual nenhum(a) de nós é imune, cumplicidade essa que se manifesta, dentre tantos modos, através da linguagem.

Do ponto de vista da linguagem enquanto uma instituição social, podemos observar que práticas discriminatórias machistas e racistas podem se manifestar em forma de intimidação e insultos sexuais, invasão de privacidade e violação da intimidade, e violam o que para o feminismo é fundamental: a propriedade de si, que Biroli (2014, p. 112) assinala como algo que “foi codificada de maneiras distintas para homens e mulheres”. Os exemplos que menciono são algumas das formas mais sutis de violência misógina cometidas contra as mulheres, e é no cotidiano que elas se manifestam, que são naturalizadas, já que “O cotidiano permite sentir de perto as agressões ‘benignas’ da linguagem, que resvalam para a agressão física” (DÉPÊCHE, 2008, p. 216) (sic). E as mídias digitais fazem parte do nosso cotidiano, potencializam



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

nossas experiências.

A teoria e a prática feminista aponta que historicamente várias formas culturais do Ocidente foram e continuam sendo misóginas e que todas nós podemos recuperar algum episódio em nossas memórias no qual nos sentimos invadidas e constrangidas pelas “formas cotidianas da dominação masculina” (BIROLI, 2014, p. 43). Essa é uma prova “do grau em que a violência misógina condiciona a experiência feminina em sociedades como as nossas” (DAVIS, 2017, p. 43), de mulheres de todas as raças e classes sociais, independente de sua orientação sexual.

Considero como misoginia não apenas uma forma de expressão explícita de ódio ou aversão cujo alvo são as mulheres, mas também, como sugere Bloch (1995, p. 13), um modo de falar sobre as mulheres no qual “a mulher é o sujeito da frase e o predicado um termo mais geral”, no qual mulheres são transformadas em uma “essência que, enquanto essência, é eliminada do palco histórico do mundo”. E essa transformação é violenta, um reflexo da violência entranhada na sociedade de modo geral. Bloch (1995, p. 13) acrescenta que o discurso da misoginia é repetitivo e monótono, quase ritualístico, afirmação corroborada por Dépêche

(2008, p. 217): a autora diz que “a linguagem é violenta ao criar materialidades hierarquizadas por engendrar assujeitamentos em suas pedagogias sociais e no próprio aprendizado da língua, violento instrumento de separação, oposição, exclusão, criando uma sociedade violenta que, por sua vez, cria uma linguagem violenta e autoriza a violência física”.

Debord (2003) define como a “sociedade do espetáculo” a sociedade em que vivemos, na qual há uma intensificação do consumo de imagens por ávidos espectadores, onde tudo vira mercadoria. E de acordo com o pensamento feminista as mulheres são “ser - percebido, sempre sob o olhar dos outros” (NÃO ME KAHLO, 2016, p. 30) e “espécie a ser consumida, apropriada pelo conjunto dos homens” (DÉPÊCHE, 2008, p. 213), isto é, mercadoria por excelência dessa sociedade que tudo mercantiliza e objetifica seja através da redução de uma pessoa a um órgão sexual ou dos “mecanismos opressivos da beleza” (BIROLI, 2014, p. 118). Além disso, a linguagem naturaliza o corpo feminino como corpo feito para o prazer masculino e “justifica qualquer ato violento de um homem em qualquer mulher no mundo” (DÉPÊCHE, 2008, p. 211).



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

O episódio da “*buceta rosa*” é um exemplo de como tratamentos discriminatórios racistas e misóginos se manifestam na sociedade contemporânea. Sua espetacularização, isto é, o compartilhamento de alcance internacional e em rede através das mídias digitais, demonstra que situações como essas são banalizadas já que encontram terreno para se manifestarem, e o objetivo deste artigo é refletir sobre a (des)naturalização desse tipo de prática. Não há nenhuma novidade nesta discussão, mas lamentavelmente ela continua tendo caráter de urgência tendo em vista a quantidade alarmante de casos de assédios, estupros e feminicídios no Brasil.

Metodologia

Como venho propondo, o objetivo deste trabalho é, a partir de uma abordagem qualitativa, refletir sobre discursos midiáticos produzidos no período em que aconteceu a divulgação do vídeo, em junho de 2018. Com a finalidade de obter os resultados, inseri no buscador Google “*essa é bem rosinha*” com o propósito de localizar o vídeo original. Logo encontrei uma das versões dele na plataforma do Youtube com duração de dezesseis segundos, com 63.298

visualizações e 655 comentários². Uma breve observação dos comentários possibilita percebermos o quanto o episódio dividiu opiniões: de um lado pessoas, homens em sua maioria, expressam a opinião de que “*tudo não passou de uma brincadeira*” e que a opinião contrária é “*mimimi*”; do outro lado tanto homens como mulheres consideram “*desrespeito*” e um exemplo do que é a cultura brasileira, na qual supostamente esse tipo de comportamento masculino é naturalizado, que esse tipo de comportamento, o tratamento do corpo feminino como um objeto de desejo erótico masculino, faz parte da normalidade da masculinidade hegemônica.

Continuei a busca por outras expressões-chaves utilizando o Google, tais como “*essa é bem rosa*” e “*essa é rosinha copa*” porque foram sugestões que apareceram na plataforma do referido buscador. A pesquisa resultou em mais páginas online onde o vídeo foi exposto e problematizado. De modo geral, a mídia brasileira tratou o comportamento dos protagonistas do vídeo como “*machista*” e como “*assédio*”. Para ilustrar esse dado, foram selecionadas quatro matérias publicadas nos dias 17 e 19 de junho de 2018: no site de entretenimento *Catraca*

² Versão disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=VFw6m-FHs6A>. Acesso em: 6 de novembro de 2018.



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulheres e Políticas da Cidade

Livre, intitulada “*Vídeo machista de torcedores brasileiros na Rússia viraliza*”³ (1), no portal de notícias brasileiro Metrôpoles, intitulada “*Brasileiros são acusados de machismo e racismo na Copa da Rússia*”⁴ (2), no jornal florianopolitano Notícias do Dia, intitulada “*‘Foi brincadeira de muito mau gosto’, diz um dos que insultaram russa em vídeo*”⁵ (3) e por fim, uma matéria publicada na Revista Carta Capital intitulada “*Assédio não é brincadeira: no Brasil, vídeo machista renderia multa*”⁶(4). Como é possível observar, optei por identificá-los com numeração de 1 a 4 para evitar repetições no que se refere aos títulos dos textos e os endereços nos quais estão disponíveis.

Resultados

Uma leitura dos títulos dos textos selecionados para análise nos permite

³ Disponível em: <<https://catracalivre.com.br/cidadania/video-machista-de-torcedores-brasileiros-na-russia-viraliza/>>. Acesso em: 6 de novembro de 2018.

⁴ Disponível em: <<https://www.metropoles.com/mundo/brasileiros-sao-acusados-de-machismo-e-racismo-na-copa-da-russia>>. Acesso em: 6 de novembro de 2018.

⁵ Disponível em: <<https://ndonline.com.br/florianopolis/noticias/foi-brincadeira-de-muito-mau-gosto-diz-um-dos-que-insultaram-russa-em-video>>. Acesso em: 6 de novembro de 2018.

⁶ Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/diversidade/assedio-nao-e-brincadeira-no-brasil-video-machista-renderia-multa>>. Acesso em: 6 de novembro de 2018.

perceber qual o posicionamento adotado pela mídia a respeito da polêmica. Com um olhar menos distanciado, vemos que o episódio é interpretado como “*o momento mais machista da Copa (até agora)*” e uma “*situação absolutamente machista*” em (1); como uma “*objetificação*”, pelo fato de que ali uma desconhecida foi “*reduzida aos órgãos genitais*” em uma situação de “*machismo alarmante*” em (2); um “*insulto*” em (3) e em (4) como “*assédio sexual*”, “*exposição*” e “*constrangimento*”.

O ponto de vista dos “*internautas*” também é ressaltado em ambos os textos: em (1) afirma-se que o vídeo “*vem revoltando internautas e causando nojo em muitas mulheres brasileiras*” e causando vergonha e reflexão “*sobre machismo no Brasil*”; em (2) que provocou “*reações inflamadas na internet*” e que “*nas redes sociais, o ato foi apontado como uma demonstração de machismo e racismo*”, apresentando alguns exemplos de reações de usuários do Twitter que se manifestaram contra o ato, dentre eles da Deputada Federal pelo Rio Grande do Sul, Maria do Rosário.

Uma terceira opinião a respeito do episódio aparece em (3), representada pela fala de um dos envolvidos que diz que “*foi uma brincadeira de muito mau gosto*”.



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulheres e Políticas da Cidade

Ainda em (3), as falas de outras duas pessoas chamam atenção: *“Foi uma brincadeira de mau gosto, mas quem nunca cantou MC Kevinho?”* e *“No máximo, foi uma piada infantil, uma piada pesada, mas morreu ali. Não precisa ir atrás da vida dos caras. Tem cara aqui preocupado se vai perder o emprego ou não. Ninguém agrediu a mulher, ninguém forçou a mulher a fazer nada”*. As falas são de dois amigos do participante, uma mulher e um homem respectivamente, e ambos complementaram suas falas dizendo que o episódio se tratou de uma *“brincadeira imprudente”* e que suas ressonâncias na rede foram desproporcionais. Como ressaltam (3) e (4), alguns dos *“agressores”* foram identificados e expostos em redes sociais, mas não houve punição de fato, apenas manifestações de repúdio dos respectivos órgãos públicos aos quais dois dos envolvidos estavam ligados: a Polícia Militar de Santa Catarina e a OAB de Pernambuco.

Considero ainda importante mencionar que: a) esse não foi o único vídeo desse tipo que viralizou nesse mesmo período no qual homens induzem mulheres a falarem *“besteiras sexuais”*, como ressalta (4), foi apenas o primeiro; b) apenas (2) disponibiliza o vídeo com o aviso de que

se trata de *“cenas fortes e ofensivas”*.

Discussão

As mídias digitais tem o poder que damos a elas, e atualmente elas têm ocupado um espaço crucial em nossas vidas. Tudo pode ser compartilhado em forma de vídeo e/ou texto, curtido, comentado; qualquer um de nós pode gerar qualquer tipo de informação. Temos ao alcance de nossos dedos a possibilidade de acesso ao mundo, podemos criar e transformar a realidade e as pessoas, inclusive a nós mesmos, independente do gênero, da classe social, da distancia geográfica, da raça, do posicionamento político. Independente do que temos a dizer ao mundo, seremos ouvidos, lidos, vistos. Sabemos que a conexão que nos une é plural e complexa, e é por isso mesmo que ela se torna tão sedutora. A linguagem, instituição social tão importante para nossas práticas comunicacionais, também adquire um poder ainda maior.

Marie-France Dépêche (2008, p. 209) nos lembra da importância das palavras na construção das coisas. Palavras têm uma materialidade que se desenvolve no social, criam realidades, expressam interpretações de mundo. A linguagem, diz-nos a autora, *“é uma máquina simbólico-ideológica”*,



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulheres e Políticas da Cidade

“uma instituição instável, um lugar de exercício do poder, de confronto entre forças adversas e, portanto, potencialmente violenta, principalmente quando define, a partir dos corpos, os lugares de fala e de inserção sócio-política”. E numa sociedade regida pelo “sistema patriarcal eminentemente polarizado masculino/feminino, a linguagem se coloca a serviço da ideologia ambiente, fazendo a apologia da força para impor o poder de um sobre o outro”. Esse poder reforçado constantemente nesse tipo de sistema não precisa se manifestar através de uma violência material para fazer-se presente, e também nem sempre é manifestado de forma explícita, já que pode ser expressa em forma de “brincadeira”. A autora acrescenta que “Entre representação e intervenção, a linguagem se encaixa nos sistemas de opressão, mas de maneira sutil, a ponto de não ser tomada a sério, como se fosse branda em relação às agressões físicas” (DÉPÊCHE, 2008, p. 212).

A “*buceta rosa*” é o modelo desejado e celebrado pelos protagonistas do vídeo. “*Buceta*”, palavra que carrega em si um tabu, que envergonha e choca as pessoas a depender do contexto em que é pronunciada. Não é natural falar em “*bucetas*”, “*vaginas*” e afins em público, como posso comprovar em meu cotidiano e também pude observar em

minha pesquisa. Essa parte do corpo feminino é uma parte do corpo que em geral é evitada do ponto de vista pessoal, mas também no discurso. Temos centenas de nomes e metáforas para falar dela porque essa referência é culturalmente problemática.

Existe uma negociação dos significados em torno dessa parte do corpo da mulher que não pode ser explicitada, ou que deve ficar no campo do privado, local de onde ela, essa cujo nome deve ser evitado ou dito através de metáforas, não deve sair. É vulgar falar nela em público, conquanto seja permitido em determinados lugares sociais como o consultório médico, o quarto, a pornografia. Cada tipo de palavra usada pra designá-la evoca um determinado saber sobre ela, uma determinada informação, palavra que almeja alcançar a “proprietária” (LIVOTI, TOPP, 2006) da genitália. Em tom de piada, ela é chamada de “*carne mijada*” tendo em vista a proximidade com fluidos corporais e urina. É chamada de “*bacalhau*” tendo em vista a hipótese de que ela pode ser mal cheirosa. E também é chamada de “*floresta amazônica*” tendo em vista a hipótese de que ela seja peluda. Cada apelido nos leva a um ou vários caminhos diferentes, evocam sentidos diferentes sobre o que é e como deve ser



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulheres e Relações de Gênero

uma “vagina”, como se assim evocasse uma verdade sobre ela e sobre sua “proprietária”, referente ao seu formato, tamanho, cor, cheiro, textura. Existe uma frase que é atribuída a Virginia Woolf que diz: “A coisa nenhuma deveria ser dado um nome, pois há perigo de que esse nome a transforme”. Penso que é isso: ela é transformada pelos nomes atribuídos a ela, mas também pelos atores e lugares sociais que a evoca. A “*buceta rosa*” do vídeo é violada por estar sendo exposta publicamente, por não ter sido evocada por sua “proprietária” em um contexto acolhedor, por estar sendo usada como uma forma de acesso e de identificação daquela mulher, que poderia ser qualquer uma de nós. Mas não apenas isso: o texto (2) lembra que “*Ao exaltar a cor da mulher, deduz-se que outros tons de pele são interiores*”. E essa preferência não é inocente, mas uma expressão do racismo característico de nossa sociedade.

A reflexão de Schimitt (2014) a respeito dos modelos ideais de normalidade que dizem respeito à genitália feminina que são referentes aos padrões estéticos produzidos no discurso e na prática médica das cirurgias íntimas tem como pano de fundo ilustrativo o caso específico da descrição do anatomista Georges Cuvier sobre a genitália de Saartjie Baartman,

conhecida como Vênus Negra. “Saartjie, assim como demais mulheres dos povos Khoi Khoi e Khoi- San – na África meridional - chamaram atenção de cientistas ocidentais por possuírem os ‘pequenos lábios’ vaginais muito maiores do que os ditos ‘grandes lábios’. Enquanto em sua cultura de origem o relativo excesso de pele pendendo da vulva era algo considerado extremamente belo e símbolo de poder, na Europa a peculiaridade de Baartman foi associada a inúmeras categorias depreciativas que a relacionavam a uma natureza essencialmente sexual e animalésca” (BLACKLEDGE, 2004 apud SCHIMITT, 2014, p. 9). A “natureza sexual da mulher negra” era o foco desse discurso, a qual, de acordo com o naturalista Julien-Joseph Virey “poderia ser demonstrada a partir da anatomia de sua genitália, que, em comparação com a genitália das mulheres europeias brancas, era considerada excessivamente grande” (SCHIMITT, 2014, p. 10). Assim, a mulher negra passou a ser entendida como “detentora não só de um apetite sexual primitivo, como também de símbolos externos – genitália proeminente - que atestariam a sua natureza assustadoramente sexual” (GILMAN, 1985 apud SCHIMITT, 2014, p. 10). A autora demonstra, partindo do



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Políticas da Cópula

caso de Saartjie, que existe uma “íntima relação entre concepções atuais e pressupostos médicos dos séculos XVIII e XIX acerca do que é considerado belo e adequado a essa parte do corpo feminino” e que esses ideais assumiram “um viés extremamente racista e sexista por difundir amplamente as variações de tamanho dos pequenos lábios como evidência de superioridade de uma civilização sobre a outra, estabelecendo padrões de normalidade que relacionam o pouco volume genital a uma maior pureza, feminilidade e ingenuidade” (SCHIMITT, 2014, p. 10), concepção que continua sendo difundida, como podemos observar.

Em minha pesquisa observei que atualmente, além da busca por um formato ideal de “vagina” existe uma ampla busca por procedimentos de clareamento da região vulvovaginal com o objetivo de corresponder ou se aproximar do padrão de beleza vigente: branco, simétrico e sem excessos. Os meios de comunicação e propaganda, como eu chamo atenção na tese, ajudam na reprodução e preservação desses padrões. Fortalecem-se, dessa maneira, modelos e estereótipos que prescrevem comportamentos, promovendo constrangimentos sociais racistas e sexistas.

Conclusões

A partir do momento em que um insulto sexual a uma mulher é naturalizado, afirma-se com isso que essa é uma prática que constitui a masculinidade hegemônica, e vice-versa. No entanto, isso não justifica nenhuma forma de violência seja ela verbal ou física, muito menos uma exposição pública. Como finaliza o texto da matéria (4): “*Expor e constranger uma mulher em vídeo, como fizeram os brasileiros, não é brincadeira. Nem mimimi. É assédio. E todo assédio é violência*”. Mas como podemos perceber, não existe consenso de que o caso se tratou de assédio, nem que foi apenas brincadeira. Se a mulher está sorrindo no vídeo, não foi “*forçada a fazer nada*”, comentário que reforça o mito generalizado de que “se uma mulher não demonstra resistência, ela está implicitamente pedindo a violação de seu corpo” (DAVIS, 2017, p. 44), portanto, os homens envolvidos estariam isentos de qualquer responsabilidade. Mas como nos lembra Dépêche (2008, p. 212): não só a linguagem é física pois “falar ou escrever representa um ato concreto de responsabilidade e escolha” como “da linguagem à ação, o caminho é curto, pois da linguagem violenta, passa-se aos atos violentos” (DÉPÊCHE, 2008, p. 216-217).

A quem poderíamos responsabilizar,



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Políticas da Cidade

então, se os homens são culturalmente isentos de responsabilidade porque é normal se comportar assim? Naomi Wolf (2013) responsabilizaria a pornografia, um dos elementos da sociedade contemporânea mais problemáticos segundo algumas vertentes do feminismo, a qual para ela configura um perigo para homens, mulheres e suas vaginas, porque dentre tantos prejuízos, tende a alterar a percepção dos sinais do desejo feminino, a valorizar a penetração violenta, promover a objetificação do corpo feminino além de afetar os homens neurologicamente. Apesar disso, a cultura ocidental também naturaliza o consumo da pornografia tanto por homens como por mulheres, pois ela pode “apimentar” a vida sexual do casal (heterossexual). Para a autora, homens e mulheres são vítimas da “dessensibilização geral” provocada pela pornografia, já que ela não aprimora a vida sexual de seus usuários, na verdade ela causa um curto-circuito. E ela fomenta a misoginia, além de ser um produto seu.

No que diz respeito aos tratamentos discriminatórios, existe uma inter-relação entre racismo e sexismo em geral e por isso as batalhas contra o machismo e o racismo devem ser travadas juntas e de forma concreta em todas suas nuances, aconselha Angela Davis. Ela acrescenta que “a completa eliminação

da violência sexista dependerá em última análise de nossa habilidade em criar uma nova e revolucionária ordem global, em que toda forma de opressão e violência contra a humanidade seja obliterada” (DAVIS, 2017, p. 52).

Biroli (2014, p. 111), lembrando sobre a questão da diferença da propriedade de si entre homens e mulheres, afirma que “é necessário desnaturalizar o direito de alguns de governar outros” (BIROLI, 2014, p. 111). Se “*brincadeiras*” que dizem respeito a partes do corpo das mulheres fazem parte da normalidade da masculinidade hegemônica, significa a cultura reforçando mais uma vez que mulheres não tem poder sobre seus corpos. É preciso, pois, que a linguagem seja usada como um dos instrumentos de transformação, caráter já anunciado “e em movimento nas teorias e práticas feministas” (DÉPÊCHE, 2008, p. 217).

Referências

BIROLI, Flávia. **Feminismo e política:** uma introdução/ Luis Felipe Miguel. Flávia Biroli. – 1 ed. – São Paulo: Boitempo, 2014.

BLOCH, R. Howard. **Misoginia medieval e a invenção do amor romântico ocidental.** Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995.



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulheres e Relações de Gênero

CAMPOLI, Clara. Brasileiros são acusados de machismo e racismo na Copa da Rússia. **Metrópoles**, 17 de jun 2018.

Disponível em:

<<https://www.metropoles.com/mundo/brasileiros-sao-acusados-de-machismo-e-racismo-na-copa-da-russia>>.

Acesso em: 6 de novembro de 2018.

CASTRO, Carol. Assédio não é brincadeira: no Brasil, vídeo machista renderia multa. **Revista Carta Capital**, São Paulo, 19 jun 2018. Disponível em:

<<https://www.cartacapital.com.br/diversidade/assedio-nao-e-brincadeira-no-brasil-video-machista-renderia-multa>>.

Acesso em: 6 de novembro de 2018.

DAVIS, Angela. **Mulheres, cultura e política**. 1 ed. – São Paulo: Boitempo, 2017.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. 2003. Disponível em:

<https://www.marxists.org/portugues/debord/1967/11/sociedade.pdf>. Acesso em: 13

de novembro de 2018.

DÉPÊCHE, Marie-France. Reações hiperbólicas da violência da linguagem patriarcal e o corpo feminino. Stevens, Cristina M. T., swan, tania

navarro (orgs.). **A construção dos corpos: perspectivas feministas**. – Florianópolis: Ed. Mulheres, 2008, pp. 207-218.

LARANJEIRA, Livia; STOPA, Beatrice. Autoestima vaginal: como anda a sua? . **Revista Glamour** digital 26 jul. 2013.

Disponível em:

<<http://revistaglamour.globo.com/Amor-Sexo/noticia/2013/07/autoestima-vaginal-como-anda-sua.html>>. Acesso em: 9 fev. 2018.

LIVOTI, Carol; TOPP, Elizabeth. **Vaginas: manual da proprietária**. Rio de Janeiro: Best Seller, 2006.

MARTÍ, Silas. "Foi brincadeira de muito mau gosto", diz um dos que insultaram russa em vídeo. **Notícias do Dia**, Florianópolis, 19 de jun 2018. Disponível em:

<<https://ndonline.com.br/florianopolis/noticias/foi-brincadeira-de-muito-mau-gosto-diz-um-dos-que-insultaram-russa-em-video>>.

Acesso em: 6 de novembro de 2018.

NÃO ME KAHLO. **#MeuAmigoSecreto: feminismo além das redes**. – 1 ed. – Rio de Janeiro: Edições de Janeiro, 2016.

PRECIADO, Beatriz. **Manifesto**



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulheres e Relações de Gênero

Contrassexual: práticas subversivas de identidade. Tradução de Maria de Paula Gurgel Ribeiro. – São Paulo: n-1 edições, 2014.

SCHIMITT, Marcelle. **Sinus Pudoris:** Conformação de um padrão estético de genitália feminina através de cirurgias plásticas. 2014. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências Sociais) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.

SILVA, Marcelle Jacinto da; PAIVA, Antonio Cristian Saraiva; COSTA, Irlena Maria Malheiros da. A vagina pós-orgânica: Intervenções e saberes sobre o corpo feminino acerca do “embelezamento íntimo”. **Hori. antropol.**, Porto Alegre, v. 23, n.47, p. 259-281, Apr. 2017.

VÍDEO machista de torcedores brasileiros na Rússia viraliza. **Catraca Livre**, 17 jun 2018. Disponível em: <https://catracalivre.com.br/cidadania/video-machista-de-torcedores-brasileiros-na-russia-viraliza/>. Acesso em: 6 de novembro de 2018.

WOLF, Naomi. **Vagina:** uma biografia; traduzido por Renata S. Laureano. São Paulo: Geração Editorial, 2013.